

Universidades podem cobrar o passaporte da vacina, decide Supremo

Amostras de pacientes britânicos mortos pela doença revelam que o coronavírus altera ambiente gastrointestinal, desregulando uma importante estratégia de defesa do organismo. Descoberta pode levar a tratamentos mais efetivos

Covid afeta microbiota

Na forma grave, a covid-19 pode causar malefícios à microbiota humana, segundo uma pesquisa inglesa. No estudo, publicado na última edição da revista Frontiers in Immunology, os especialistas analisaram amostras do intestino de pacientes que morreram devido ao novo coronavírus e constataram o impacto da infecção no sistema imunológico do órgão. Os especialistas acreditam que os dados vistos podem, futuramente, servir como base para o desenvolvimento de novas estratégias de combate ao micro-organismo.

Embora a disfunção respiratória seja o sintoma mais comum do novo coronavírus, foram identificados, em muitos pacientes, problemas envolvendo o trato gastrointestinal, incluindo vômitos e diarreia, justificaram os autores, no estudo. Além disso, o RNA viral foi encontrado em amostras de fezes de muitos doentes, o que nos faz acreditar que esse patógeno poderia causar danos aos microrganismos que compõem o intestino.

Para esclarecer essa questão, os pesquisadores analisaram amostras do trato gastrointestinal de nove pacientes (sete homens e duas mulheres) que morreram após serem diagnosticados com covid-19 durante a primeira onda da pandemia no Reino Unido. Eles observaram que o sistema responsável por regular a composição das comunidades microbianas — também conhecido como placa de Peyer — sofreu desequilíbrio no organismo dessas pessoas.

Os cientistas explicam que os folículos linfóides que compõem a placa de Peyer e que revestem todo o intestino delgado sofreram uma série de alterações nos pacientes analisados. De acordo com os pesquisadores, essas mudanças observadas são extremamente relevantes, já que os folículos são responsáveis pela produção de células de defesa do corpo. Essas células são produtoras de anticorpos, e os desequilíbrios visualizados podem ter

atrapalhado, nos pacientes que morreram de covid, a resposta de defesa do organismo, detalharam os autores.

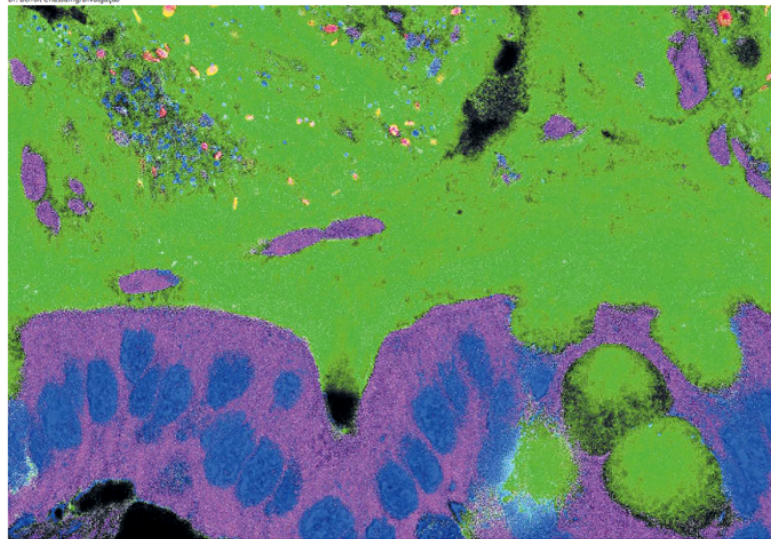
Os pesquisadores explicam que essa baixa imunidade local pode reduzir a diversidade microbiana, um problema de saúde conhecido como disbiose, que é prejudicial ao equilíbrio do organismo. "O estudo mostra que, na covid-19 grave, a função desse componente-chave do sistema imunológico é interrompida, independentemente da presença do Sars-CoV-2 no intestino, o que demonstra a força da infecção no organismo humano", explicou Jo Spencer, pesquisador do Kings College London, no Reino Unido, um dos autores do estudo.

Vacina

Os cientistas também destacam que as descobertas sugerem que o uso de vacinas orais para o coronavírus pode não ser uma boa estratégia, já que, caso o paciente esteja doente, seu sistema imunológico do intestino pode estar comprometido. "Uma vez que a imunidade do intestino está comprometida, isso indica que o órgão não teria a capacidade de montar uma resposta de defesa eficiente, e os imunizantes não gerariam o efeito esperado", detalharam.

Segundo os especialistas, novas análises são necessárias, já que o número de avaliados no estudo foi pequeno, mas eles acreditam que os dados observados na pesquisa podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias que ajudem a tratar o novo coronavírus com mais eficácia. "Nossa amostra é bem reduzida, mas os dados, provavelmente, devem ser semelhantes aos de outros pacientes que tiveram covid-19 e apresentaram sintomas intestinais diversos", detalhou Spencer. "No futuro, será importante entender os fatores que impulsionam essa desregulação de bactérias em respostas inflamatórias graves para conseguirmos entender como driblar esses danos gerado pelo patógeno."

Dr Benoit Chassaing/Olivier Jacquot



No bioma intestinal saudável, as bactérias ajudam a proteger contra invasores, como o Sars-CoV-2

Antibióticos prejudicam bebês

O uso de antibióticos durante a primeira semana de vida pode afetar negativamente a microbiota de bebês. A descoberta foi feita por cientistas da Universidade de Edimburgo, na Escócia, que avaliaram 227 recém-nascidos, com o objetivo de entender como essa classe de medicamento impacta o organismo das crianças. Os dados foram apresentados na última edição da revista Nature Communications.

No estudo, cerca de 147 crianças com suspeita de sepsis receberam um dos três tratamentos antibióticos padrão. Os resultados foram comparados com os de 80 bebês sem suspeita de infecções, que não tomaram os medicamentos. Todos os

analisados tiveram uma amostra retal ou fecal colhida antes e após a terapia, em três momentos: com 1, 4 e 12 meses de idade.

Amamentação

Por meio das análises, os especialistas constataram que os recém-nascidos que receberam antibióticos prescritos apresentaram uma diminuição significativa nos níveis de diferentes espécies da bactéria Bifidobacterium, em comparação com bebês que não fizeram uso dos medicamentos. "Esses microrganismos auxiliam na digestão do

leite materno humano e promovem a saúde intestinal, além de apoiar a defesa imunológica contra infecções, o que nos acende um alerta de preocupação", detalharam os autores, no trabalho.

A equipe também encontrou um aumento nas bactérias potencialmente causadoras de doenças e no número de genes relacionados à resistência antimicrobiana no grupo que recebeu antibióticos. Ao longo do tempo, os cientistas constataram uma recuperação das alterações vistas nas crianças que tomaram o medicamento, mas as

mudanças no microbioma e nos genes de resistência antimicrobiana persistiram por pelo menos 12 meses, não melhorando com a amamentação, que é conhecida por ajudar o sistema imunológico do bebê.

"Ficamos surpresos com a magnitude e a duração dos efeitos dos antibióticos. Isso, provavelmente, ocorre porque o tratamento com esses medicamentos é administrado no momento em que os bebês acabaram de receber seus primeiros micróbios herdados da mãe, e ainda não desenvolveram um microbioma resiliente", declarou Debby Bogaert, pesquisadora da Universidade de Edimburgo e um dos autores do estudo.



Segundo a secretaria de Saúde, esta faixa etária ainda será vacinada uma terceira vez. O índice de contaminação no DF caiu para 0,98, indicando controle da pandemia. Mas, a taxa de ocupação de UTIs pediátricas é de 100%

Nova dose para crianças de 6 anos

• RAFAELA MARTINS • ANA LUISA BARRO • FÁBIO MARTINS

A vacinação de 6 anos, que foi iniciada há pelo menos 30 dias, recebeu o segundo dose de vacinação a partir de hoje. A informação foi confirmada em nota de imprensa, enviada pelo Secretário de Saúde do DF, Marcelo Luiz Padilha, em 18 de fevereiro.



Quase 130 mil crianças de 5 a 11 anos já foram vacinadas no Distrito Federal



Mediá Móvel A secretaria contabilizou mais 16 mil vacinas em dezembro do ano passado, para cerca de 13,5 milhões de crianças. Segundo o Ministério da Saúde, o total de infectados chegou a 47,8 mil. Desde o início da pandemia, a SES contabiliza que mais de 300 mil são casos de covid-19 no DF. O total de casos em dezembro foi de 29 mil, com 10 óbitos.

**Vaciniômetro**  
80,65% da população total vacinada com a primeira dose  
73,99% de população total com a 2ª dose  
874.552 doses de reforço aplicadas  
129.732 crianças de 5 a 11 anos vacinadas  
\*Paralisação total do DF 3.022.546  
Fonte: Secretaria de Saúde

sendo que 103 estão ocupadas, sete vagas, cinco em liberdade e seis bloqueadas. A taxa de ocupação de leitos adultos está em 95,5%, e os pediátricos em 100%. Na rede particular, o número total de leitos é de 148, sendo que 123 estão ocupados e 25 pediátricos em 100%.

De acordo com os dados da Secretaria de Saúde, a rede pública disponibiliza 121 leitos de UTI para o atendimento à população.

Atualmente, há 103 vagas em liberdade e seis bloqueadas. A taxa de ocupação de leitos adultos está em 95,5%, e os pediátricos em 100%. Na rede particular, o número total de leitos é de 148, sendo que 123 estão ocupados e 25 pediátricos em 100%.

Atualmente, há 103 vagas em liberdade e seis bloqueadas. A taxa de ocupação de leitos adultos está em 95,5%, e os pediátricos em 100%. Na rede particular, o número total de leitos é de 148, sendo que 123 estão ocupados e 25 pediátricos em 100%.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

**Seção:** Cidades **Página:** 12 e 14